

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO FERRAMENTA PARA DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA PORTUGUESA COMO HERRAMIENTA DE DESCONSTRUCCIÓN DEL PREJUICIO LINGÜÍSTICO

THE TEACHING OF THE PORTUGUESE LANGUAGE AS A TOOL FOR DECONSTRUCTION OF LINGUISTIC PREJUDICE

Francisco Wellington da Silva Carvalho¹

RESUMO: O presente trabalho visou desenvolver uma discussão acerca das variações linguísticas para se discutir preconceito linguístico e compreender a influência do ensino de Língua Portuguesa no combate a esse preconceito. Para isso, utilizou-se a revisão bibliográfica como metodologia, onde foram analisadas obras de autores que tratam desse tema. Partindo do pressuposto de que é dever da escola, que tem a função de formar cidadãos críticos, reflexivos e sociáveis além de proporcionar conhecimento científico, a conscientização dos alunos sobre as muitas variações da linguagem, mostrando que há maneiras diferentes de se expressar e que essas maneiras dependem de fatores sociais, históricos e geográficos, o professor de português tem o dever de mostrar aos alunos que, existem outras manifestações linguísticas que são formadas dentro da cultura e dos costumes de cada um, embora exista uma norma privilegiada – norma culta. A principal forma de encerrar a discriminação linguística a respeito dessas outras manifestações da linguagem, como qualquer outra forma de discriminação e preconceito, é o conhecimento, neste caso o conhecimento e a conscientização acerca da variedade de manifestações da língua, devendo ser respeitadas para que se possa dirimir a segregação linguística.

461

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Variedades linguísticas. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT: The present work aimed to develop a discussion about linguistic variations to discuss linguistic prejudice and understand the influence of Portuguese language teaching in combating this prejudice. For this, the bibliographic review was used as a methodology, where works by authors dealing with this topic were analyzed. Assuming that it is the school's duty, which has the function of forming critical, reflective and sociable citizens, in addition to providing scientific knowledge, students' awareness of the many variations of language, showing that there are different ways of expressing themselves and that these ways depend on social, historical and geographical factors, the Portuguese teacher has the duty to show students that there are other linguistic manifestations that are formed within the culture and customs of each one, although there is a privileged norm - cultured norm. The main way to end linguistic discrimination regarding these other manifestations of language, like any other form of discrimination and prejudice, is knowledge, in this case, knowledge and awareness about the variety of language manifestations, which must be respected so that one can address linguistic segregation.

Keywords: Linguistic prejudice. Linguistic varieties. Portuguese Language Teaching.

¹Graduado em Licenciatura plena em Letras português e Literatura de Língua Portuguesa – profwellingtoncarvalho@gmail.com.

RESUMEN: El presente trabajo tuvo como objetivo principal desarrollar una discusión sobre las variaciones lingüísticas, para discutir sobre el prejuicio lingüístico y comprensión del ensino de la Lengua Portuguesa en el combate a ese prejuicio. Para eso, fue utilizada una revisión bibliográfica como metodología, donde hubo un análisis de las obras de los autores que tratan del tema. Partiendo del presupuesto que es deber de la escuela, hacer ciudadanos críticos, reflexivos e sociables como función primera, además de proporcionar un conocimiento científico, la concientización de los alumnos sobre las muchas variaciones del lenguaje, mostrando que hay formas distintas de expresarse y que las formas dependen de factores sociales, históricos y geográficos. El profesor de la Lengua portuguesa tiene como deber mostrar a los alumnos que, existen otras manifestaciones lingüísticas que son formadas dentro de la cultura y de los costumbres de cada persona, aun que exista una norma privilegiada – norma culta. La principal forma de encerrar el prejuicio lingüístico respecto a otras manifestaciones de la lengua – dañar y perjudicar – es el conocimiento, en este caso, el conocimiento y concientización acerca de las variedades y manifestaciones de la lengua, obligando ser respetadas para que se pueda dirimir la segregación lingüística.

Palabras clave: Prejuicio lingüístico. variedades lingüísticas. ensino de la lengua portuguesa.

INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico é um mal que afeta, de alguma forma, toda a sociedade. Bagno afirma que o preconceito linguístico é uma forma de discriminação que consiste em fazer um julgamento do falante pela forma como ele se comunica, seja oralmente, seja por escrito. O parâmetro desse julgamento é a língua contida nas gramáticas normativas - quanto mais distante dela, mais rebaixado é o falante. Acredita-se que o ensino adequado da língua materna pode ajudar na desconstrução do preconceito em questão, uma vez que se abrem discussões a respeito das variedades linguísticas existentes, destacando a importância e características de cada uma, sendo de prestígio ou não.

462

O presente trabalho trata, como foi supracitado, sobre o preconceito linguístico que é um tema que ainda levanta muitas discussões no meio acadêmico e em meio à sociedade como um todo. versa sobre um dos papéis do Professor de Língua Portuguesa e levanta discussões sobre uma temática que é, comumente, tratada de forma indiferente à importância que tem. É unânime a consciência que toda forma de preconceito deve ser combatida e uma das formas mais eficazes no combate ao preconceito é a informação.

Diante disso, o presente trabalho visou analisar como o preconceito linguístico ocorre e como é tratado nas escolas, destacando a atuação do professor de Português na busca pela desconstrução desse tipo de preconceito, demonstrando os avanços e/ou dificuldades na busca de resultados positivos.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: POR QUÊ?

É sabido que o Brasil é um país continental, ou seja, é muito extenso, e que devido ao seu processo de colonização, tem uma ampla mistura cultural, oriunda de povos europeus, africanos, indígenas, asiáticos entre muitos outros, tornando-se assim um país de cultura multifacetada desde o seu período de colonização. E, concebendo a língua como fenômeno social que é, a ela também se estende consequências dessa miscigenação, fazendo com que ela seja o resultado dessa mistura enraizada no solo brasileiro, o que contribuiu e contribui para uma grande variedade de dialetos e manifestações linguísticas no país.

Por muito anos se valorizou muito o ensino da gramática normativa, considerando a língua, em geral, como um sistema homogêneo, tornando-a desvinculada de seus falantes, deixando de se trabalhar, na escola, a variedade linguística existente. pode-se afirmar que dessa prática resulta a reprodução de um modelo de língua dominante e considerando as diferenças como deficiências o que resulta por sua vez, em preconceito linguístico, a forma como a escola agiu e, em muitos casos age, contribui para a manutenção desse preconceito, uma vez que, trabalhando apenas a norma culta, deixa-se de lado as variações linguísticas fazendo com que fiquem marginalizadas.

463

Essa marginalização das diversas variedades linguísticas existentes no país dar origem ao preconceito linguístico conceituado por Bagno como “um juízo de valor negativo, reprovação, desrespeito, às diversas formas de manifestação da língua de menor prestígio social” (Bagno, 2002).

Observa-se que o preconceito linguístico resulta da comparação do que apresentam as normas gramaticais com a maneira que as pessoas se expressam quando falam ou escrevem, isso depende de muitos fatores – socioeconômicos, faixa etária, geográficos dentre outros.

Tem-se essa comparação como equivocada, porque concorda-se com Arruda e Siqueira quando afirmam que a língua trabalhada se inspira na literatura aplicada, nas alternativas subjetivas dos próprios estudiosos da gramática, nos códigos da gramática latina (ARRUDA E SIQUEIRA, 2020). O que a torna impraticável por alguém que escreva e, sobretudo fale seguindo esses códigos normativos, porque a maneira como cada um se expressa é subjetiva e imprime a sua identidade que é forjada a partir de suas experiências com o meio em que vive.

Como afirma Antunes (2007), a língua faz parte de nós mesmos, ou seja, é a nossa identidade, é a nossa história, é o nosso lado social, visto que é, através dela, que interagimos. Essa interação ocorre, portanto, quando usamos a língua, com toda a sua heterogeneidade, de acordo com os contextos e com as situações.

As gramáticas normativas não contextualizadas prescrevem uma língua artificial, ultrapassada, que não acompanham a dinamicidade inerente à língua e que, por isso, não correspondem ao uso natural de nenhum grupo atual de fala do português no Brasil ou qualquer outra região do mundo onde a idioma é pronunciado.

O preconceito linguístico ocorre porque quem o pratica tem a falsa crença de que há uma única língua portuguesa e “que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários”. como afirma Marcos Bagno (BAGNO, 2007, p. 40).

Em sua obra *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, Marcos Bagno descreve alguns costumes que podem dar sustentabilidade ao preconceito linguístico, e que causam muitos prejuízos à aprendizagem. O autor cita: “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” (BAGNO, 2007, p. 15). Ao se aceitar esse enunciado como verdade não se reconhece a pluralidade cultural brasileira, o que constitui um erro grotesco, considerando apenas a língua ensinada através da gramática normativa.

464

O fato de a língua sempre variar faz com que ela seja heterogênea, variando em todas as possibilidades de usos linguísticos, fazendo com que a língua esteja em constante reconstrução, se distanciando, cada vez mais, da homogeneidade linguística tão pensada e acreditada, Bagno continua: [...] a variação e a mudança linguísticas é que são o ‘estado natural’ das línguas, o seu jeito próprio de ser. Pois acredita que: Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas! (BAGNO, 2007, p. 37)

Bagno, que é uma autoridade no assunto quando esse é o preconceito linguístico, faz um panorama demonstrando o que é preconceito linguístico, como e porque surge. O autor deixa claro sua tese que o preconceito nasce a partir da compreensão equivocada de que exista uma forma certa e outra errada de se expressar através da língua falada ou escrita, onde uma

deve ser perpetuada através do ensino e a outra erradicada, é onde nasce o preconceito a partir da marginalização de outras manifestações linguísticas.

COMO COMBATER: PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR

Pode-se deduzir que preconceito linguístico é de ordem social, assim como preconceito racial e o preconceito quanto opção sexual. Para que o preconceito linguístico seja combatido, é proposta uma postura pedagógica reflexiva por parte do professor. Através disso é possível a conscientização dos alunos, fazendo-os compreender os processos da linguagem. Pois como já foi supracitado a prática do preconceito linguístico está intimamente ligada à rigidez do ensino da gramática normativa, à desconsideração da importância da variedade linguística, o que resultam em falsas compreensões do que é “certo e errado”, concorda-se com Bagno (1999) quando afirma:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas à educação e à cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão. O reconhecimento da existência de muitas normas linguística é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não padrão (1999 p.18-19).

465

Todavia, a escola pode contribuir no combate a esse prejuízo social através da compreensão ampla da linguagem. “Quando se fala em linguagem, pode-se defini-la como uma série de códigos que podem ser transmitidos e compreendidos através da fala, da leitura, da arte e do corpo, estando presente em todo o universo cultural e social” (LIMA *et al.* 2020, p. 102017).

A forma como o Professor de Língua Portuguesa e a escola abordam o ensino da língua materna é essencial para que o preconceito Linguístico seja desconstruído, é através do entendimento histórico e científico das variedades linguísticas que são explicados os processos de variações na linguagem. Coan e Freitag (2010) afirmam:

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana) tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. A língua é vista pelos socio linguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos. (COAN e FREITAG, 2010, p. 175)

Assim como Castilho (2000) afirma que a língua como atividade social é:

Um conjunto de usos concretos historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico convencional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, responsável representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas (CASTILHO,2000, p.12)

Com essas citações percebe-se que os estudiosos da sociolinguística defendem que a língua é multifacetada e heterogênea e a variação é uma característica indissociável da língua. As variações linguísticas podem ocorrer por diversos fatores dentre os quais lista-se os fatores sociais, geográficos, faixa etária, socioeconômico e sexo dos falantes.

Câmara Junior (1976) afirma que a variação linguística está em todos os lugares inclusive na escola e é papel do professor de língua portuguesa criar um ambiente fértil para que ela ocorra e seja devidamente estudada, pois quando se privilegia apenas uma forma de falar as demais são tidas como erradas, inferiores e acabam sendo marginalizadas, e com muito pesar, essa prática ainda pode ser observada na cultura escolar, o que prejudica na desconstrução do preconceito linguístico. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais² pode-se encontrar a seguinte afirmação sobre as variações que permeiam a língua:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em 'Língua portuguesa' está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...]” (BRASIL, 1998a, p. 29).

466

A variação linguística é uma realidade que não se pode evitar, ou seja, é inerente à todas as línguas, e não é viável considerá-la um problema, uma vez que todas as línguas são perfeitas e não homogêneas. Assim, a variação linguística é um processo “natural” que provém das interações sociais.

E a Base Nacional Comum Curricular – documento normativo para todas as redes de ensino e suas instituições privadas e públicas e uma referência obrigatória para os currículos das escolas de todo o Brasil - destaca o papel do professor que deve propiciar aos alunos uma formação pautada na “participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso da linguagem” (BRASIL, 2017, p. 481).

²Coleção de documentos que compõem a grade curricular de uma instituição educativa. Esse material foi elaborado a fim de servir como ponto de partida para o trabalho docente, norteando as atividades realizadas na sala de aula.

Fica nítido que a variação é um fenômeno comum e natural que ocorre em todas as línguas e que é papel do professor e da escola trabalhar o ensino da língua de forma a compreender esse processo ajudando os educandos a saberem sistematizar e conhecer cada uso. Como afirmam Mattos e Silva (2006):

Os professores de português, por necessidades exigidas por nossa sociedade discriminatória, têm de explicitar a seus estudantes que certos usos variáveis são censurados em certas situações socioculturais. [...] – o professor- se tiver uma boa formação linguística, especificamente sociolinguística, deverá demonstrar por exercícios, o valor social das variantes de um elemento variável no português do Brasil. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 282)

Lembra-se aqui que a escola deve ensinar a norma culta, não no sentido de exigir que o estudante substitua seu modo de falar pela norma ensinada, mas para prover capacidade de dominar a variedade existente, para que possa escolher como se expressar adequadamente à situação de comunicação que está inserido. Como afirma Magda Soares (1989):

“falantes de dialetos não-padrão devem aprender o dialeto-padrão na escola, para usá-lo nas situações em que ele é requerido: isto é, a solução educacional seria um bidialetismo funcional.” (MAGDA, 1989)

467

Entende-se que a escola assim como o Professor de língua portuguesa deve respeitar a diversidade cultural existente no país, ou seja, ao ensinar deve-se levar em consideração os aspectos culturais impressos na linguagem de cada um. Cada região tem seus costumes e forma de falar. Assim o respeito pela variedade da língua leva em consideração o respeito pela subjetividade de cada indivíduo e de cada região, reconhecendo que as línguas são heterogêneas, multifacetadas e dinâmicas.

Concebendo assim, cabe a escola e ao professor de língua portuguesa trabalharem com essas variáveis, de forma que a importância das variedades linguísticas, das diversas faces da língua sejam amplamente abordadas, assim como a importância do respeito a essas variedades. Cumprindo assim seu papel de formar cidadãos críticos e reflexivos e que tenham competência de agir pela linguagem em todos os âmbitos sociais e sejam capazes de fazer escolhas na forma de se expressar de maneira coerente e autônoma e que estejam de acordo com a situacionalidade de uso.

É necessário que os professores deixem claro para os alunos que a comunicação, principalmente oral, não acontece uniforme, já que ela é, como já abordado neste trabalho, determinada pelo meio em que vive o falante. Formando, conseqüentemente, cidadãos críticos e reflexivos da realidade em que vivem, e enfim corroborando para a diminuição do preconceito linguístico.

Cabe ao Professor de Língua Portuguesa fazer a mediação entre o aluno e a compreensão do processo de comunicação. Para isso é preciso que o educador tenha conhecimento teórico do funcionamento social da língua podendo assim fazer essa mediação entre o conhecimento e o aluno.

O que constitui uma mudança na ótica da escola e na prática do professor de Língua Portuguesa e segundo Carvalho (2011), uma alternativa para essa mudança seria amplos debates envolvendo professores e alunos, com o objetivo de fazê-los refletir sobre as interações linguísticas, entendendo que nas interações sociais, cada ser humano se expressa de maneiras diferentes, e fazê-los concluir que cada pessoa utiliza a língua de maneira diferente das demais.

468

É necessário compreender a importância da formação continuada dos professores que, com estudos continuados e especializações em determinadas áreas, podem acessar as habilidades necessárias para fazer com que o falante (educando) enxergue a riqueza de variedade de sua língua que provém, por sua vez, da riqueza sociocultural. Pois como já se observou, o professor de língua portuguesa tem sempre terá um papel importantíssimo no combate ao preconceito linguístico, pois, se não conhecer o conceito e as formas de combatê-lo, não saberá diferenciar o erro de português de uma variedade linguística, e será um irradiador do preconceito na sala de aula e na escola.

Daí ressalta-se a importância dos professores conhecerem e se familiarizarem com esse tema e os demais para terem uma postura teórica e prática sobre o ensino da língua portuguesa.

Como afirma Perini: “É definitivamente necessário começar a conceber a gramática como uma disciplina viva, em revisão e elaboração constante” (PERINI, 1996, p.16-17).

Posto isso, faz-se necessário que o professor de língua portuguesa e a escola assumam uma atitude de cientista e investigador, produzindo o próprio conhecimento

linguístico teórico e prático, e abandone a atitude tradicionalista e arcaica de doutrinação gramatical contraditória e incoerente.

Fazendo a autocrítica e a crítica ativa e prática diária em sala de aula, ensinando a língua de maneira mais reflexiva demonstrando o que as gramáticas normativas preconizam e que existem outras formas de expressão e que essas expressões são de uso natural.

A língua, como aqui já se afirmou, não é homogênea, por ser produto das vivências de cada indivíduo, sendo assim, cada pessoa se expressa de maneira diferente, e cada um tem seus valores e cultura e isso torna a compreensão dos signos e manifestação dos códigos subjetivos a cada ser humano e por isso, essa manifestação deve ser estudada e respeitada.

É preciso valorizar e respeitar a forma de comunicação de cada grupo de indivíduos e isso constitui um papel de suma importância na escola e na própria sociedade. Compreender, que a língua, assim como tudo no universo muda, muda também o que expressa toda sua vivacidade. E que a partir dessa mudança surgem as variedades linguísticas não existindo uma variedade de língua melhor ou mais correta que a outra, pois toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam.

469

Verifica-se que o preconceito linguístico no Brasil ocorre muitas vezes por falta de conhecimento sobre a diversidade e é maximizado pela difusão de mitos a respeito da língua, mas que muito desse preconceito pode ser minimizado com ações desenvolvidas na escola para dar a todos os alunos as informações coerentes a respeito dos fenômenos linguísticos. É importantíssimo se pensar e pôr em prática uma formação de professores, desenvolvendo-os com as habilidades que serão desenvolvidas no reconhecimento da importância da diversidade linguística e de como manuseá-la na escola, com os conteúdos de língua portuguesa.

Para ajudar aos educandos na construção de saberes sólidos, críticos e reflexivos a respeito da língua e suas variedades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que o preconceito linguístico realmente está ligado às questões sociais, pois nasce no seio da sociedade e é, muitas vezes, nutrido pela forma como o ensino da língua é abordado na escola.

Dessa maneira, deve-se investir em metodologias que trabalhem com a variedade e o preconceito linguístico – conceitos da sociolinguística - na escola. O trabalho com a sociolinguística em sala de aula prever apontar que as diversas maneiras de falar e se expressar nascem a partir de fatores socioculturais e que são partes constitutivas da subjetividade de cada falante. O preconceito linguístico é resultado da falta de conhecimento de todos os educandos a respeito da característica heterogênea da língua, isso porque alguns professores não fomentam a reflexão e o debate a respeito desse fator tão importante quando se fala em estudo da língua – a saber: sua heterogeneidade.

Não buscam refletir sobre os aspectos sociais relacionados aos processos de comunicação do ser humano, e seguem ensinando, como abordado no decorrer deste trabalho, como se a língua fosse homogênea abordando apenas sua face mais privilegiada – a norma padrão – essa atitude tem como consequência a intolerância e preconceito para com as demais variedades linguísticas.

A escola como irradiadora de conhecimentos e habilidades científicas, humanas e sociais, deve preparar os alunos e auxiliá-los para que tenham uma boa formação sobre linguagem, sempre destacando que a língua, de acordo com a cultura de cada região ou classe social, idade entre outros fatores, pode sofrer variações.

470

Sendo assim, os conteúdos relacionados à língua não devem ser engessados, é necessário prover o debate e problematizar para que haja uma reflexão sobre todos os conteúdos. É necessária habilidade por parte do professor para ensinar a gramática normativa, sem excluir as variedades linguísticas explicando aos alunos que eles devem dominar o máximo de variedade possível para, de acordo com a situação em que está inserido, poder escolher utilizar uma ou outra.

O professor, no exercício de sua profissão, deve refletir sobre sua prática pedagógica, para ser um mediador na reflexão do aluno para que, como consta nos parâmetros curriculares nacionais, saibam “refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a marginalização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua” (BRASIL, 1998, p. 59).

Concorda-se ainda com Bezerra; Veloso e Ribeiro (2021) quando afirmam que o emprego das metodologias ativas pode resultar ou ainda fomentar a abordagem crítica e reflexiva por parte dos alunos acerca da linguagem.

O professor de português deve ser ciente do dever de mostrar aos alunos que apesar de aprenderem uma linguagem culta tida como padrão, há variedades da língua que são forjadas a partir da cultura e meio social em que estão inseridos os falantes, com a finalidade de que os estudantes conheçam e aprendam a respeitar essas diferentes manifestações da língua. Quebrando a propagação do preconceito e discriminação não somente dentro do âmbito escolar, mas no meio social como um todo.

apesar de todos os problemas que a escola e professores passam, e se compreender que ainda falta muito a se fazer para se alcançar um ensino e aprendizagem mais eficientes, eles constituem a única instituição pela qual é possível divulgar, multiplicar e propagar ideias que combatam o preconceito linguístico.

Longe da escola esse combate se torna muito difícil ou até inviável. Uma vez que não há espaço na mídia. A verdade é que tudo o que aparece nos meios de comunicação de massa é uma apologia ao ensino de uma língua portuguesa que privilegia a variedade de prestígio, e menospreza e desqualifica as muitas outras variedades.

A dificuldade em fazer chegar à população, em geral, conceitos da Sociolinguística que abordem o conceito e prática do preconceito linguístico é uma inquietação pujante.

471

A origem do preconceito está na sociedade e nutrido pela forma como o ensino da língua é abordado na escola – é essencial abordar o ensino da norma padrão de uma maneira que não se deixe a discussões a respeito das variações inerentes à língua portuguesa no Brasil, só assim se poderá amenizar ou extirpar o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARRUDA, J. S. SIQUEIRA, L. M. R. de C. **Metodologias Ativas, Ensino Híbrido e os Artefatos Digitais: sala de aula em tempos de pandemia, Práticas Educativas, Memórias e Oralidades** -Rev. Pemo, 2020.

Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/4292>

BAGNO, M. **Preconceito linguístico -o que é, como se faz.** 40ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** Parábola: São Paulo, 2007.

BEZERRA, N.P.X; VELOZO, A.P; RIBEIRO, E. **Ressignificando a prática docente: experiências em tempos de pandemia.** Rev. Pemo, Fortaleza, v. 3, n. 2, e323917, 2021.

Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3917>

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

CÂMARA JR. J, M. **Problemas de Linguística Descritiva.** Vozes, Petrópolis, RJ. 1976

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada e o ensino de língua portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2000.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português.** São Paulo: Ática, 1999.

SILVIA, R. V.; SILVIA, F.B. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, M. **Linguagem e escola – uma perspectiva social.** 7ª. ed. São Paulo: Ática, 1989.